

Ciência

Ciência de cordel

O presidente da Academia de Cordelistas Brasileiros dá destaque à História da Ciência

Quem passa a meio da manhã pelo Largo de S. Francisco, no Rio de Janeiro, cruza-se frequentemente com um homem que monta uma tenda de venda ambulante. O vendedor gosta de levantar a lona branca mesmo no centro, junto à estátua de Bonifácio de Andrada e Silva (1763-1838). Fica assim na companhia de um dos mais famosos cientistas e políticos brasileiros, o cognominado «patriarca da independência». À frente fica o edifício da antiga Escola Politécnica, local onde funcionaram os primeiros estudos universitários brasileiros e onde funciona hoje a Escola de Engenharia. Os estudantes e professores que para lá circulam param junto à tenda. Uns compram livros, outros batem papo com o vendedor.



O cordelista Gonçalo Ferreira da Silva expõe os seus trabalhos no Largo de S. Francisco, no Rio de Janeiro

Aproximamo-nos e vemos um homem já passado da meia-idade a esticar cordéis na tenda e a pendurar aí pequenos livros, com molas, como se de roupa se tratasse. Há de tudo, desde histórias eróticas (**A Noite das Camas Trocadas**) e relatos de capangas do Nordeste brasileiro (**O Duelo de Machos**), até biografias de poetas (**O Génio Camões**) e histórias moralizantes.

Para quem ainda não tenha percebido que a literatura de cordel deriva essa designação do cordel onde se penduram os livros exibidos, o vendedor recomenda um livrinho: **Literatura de Cordel: Dados Básicos**. São apenas sete páginas de texto e o preço é convidativo: qualquer coisa como 20 cêntimos europeus. Na contracapa lê-se: «Uma edição da Academia Brasileira de Literatura de Cordel - Marco Definitivo na História da Nossa Cultura Popular». O trabalho é da autoria de Gonçalo Ferreira da Silva, presidente da mesma Academia.

Já tínhamos visto esse nome algures... é o nome que aparece em todos os livrinhos expostos na tenda. «É o senhor?», perguntamos. «O próprio», responde. «Está perante o grande cordelista Gonçalo Ferreira da Silva», esclarece um cliente.

Pegamos logo num livrinho que nos chama a atenção: **Disputa do Português com o Fiscal**. São oito páginas de estrofes de sete versos, que descrevem a história que se anuncia no título.

Com infinita arrogância
o fiscal só fez tirar
de sua capanga o talão
e começou a multar,
sem pergunta, sem consulta
lavrou vergonhosa multa
para o português pagar.

É delicioso! E é apenas uma de centenas de obras. Todas em papel amarelo e em impressão barata. Gonçalo Ferreira da Silva é autor, editor, empresário e vendedor. Vive do que escreve. Literalmente.

Estendidos noutra cordel estão livrinhos igualmente curiosos. São biografias de cientistas e relatos de aventuras científicas famosas. Há histórias sobre Aristóteles, Leonardo, Galileu, Newton e quase todos os nomes maiores da história da ciência. Pegamos em **Arquimedes: O Maior dos Sábios da Antiguidade**:

Grande contribuição
Arquimedes nos legou
pois dele tudo nasceu,
tudo nele começou,
as maiores maravilhas
científicas que inventou.
(...)Disse certo dia, enquanto
fazia inventivo traço:
- Com uma alavanca e um ponto
de apoio no espaço
posso suspender o mundo
com leve mover do braço.

Refere-se o autor à descoberta de Arquimedes das leis da alavanca. O sábio grego, percebendo que podia levantar qualquer peso desde que tivesse uma alavanca solidamente apoiada e que o braço onde exercia a força fosse suficientemente comprido, terá dito ao rei Híeron de Siracusa: «Dai-me uma alavanca que eu levantarei o mundo».

Mais à frente, no poema, o autor refere outras histórias famosas de Arquimedes, ressaltando o serviço militar que este prestou a Siracusa durante o cerco de general romano Marcelo, altura em que o seu génio inventivo se dedicou a construir catapultas, gruas e espelhos incendiários.

Abre-se outro livrinho ao acaso e encontra-se uma biografia de Galileu. Logo de início aparece uma espécie de declaração de princípios:

Os poemas que escrevemos
sobre vidas imortais
ressaltam, principalmente,
os sublimes ideais
não lineares, e, apenas
os fatos essenciais.

Narram-se depois alguns eventos marcantes da vida do sábio italiano, com destaque para o conflito sobre o sistema do mundo. Já no fim, encontram-se estes versos simples:

Mil seiscentos e quarenta
e dois, morre Galileu
dia oito de janeiro (...).

A data está certa, como certos estão muitos dos dados contidos nestas biografias. Pouco mais se lhes pede. Ninguém pode exigir à literatura de cordel que ensine física, biologia ou matemática. Mas é reconfortante ver a ciência ocupar um lugar de destaque entre os cordelistas brasileiros, candidatando-se assim a ser parte integrante da cultura popular.

TEXTO E FOTOGRAFIA DE NUNO CRATO, NO RIO DE JANEIRO